

Narrativas da religiosidade popular em Bonito-MS: o mito de Sinhozinho, o santo (1940-2018)

Layanna Sthefanny Freitas do Carmo, UFRJ¹

Resumo

Objetiva-se analisar as narrativas construídas pelos povos sul-mato-grossenses no município de Bonito-MS e suas relações com o mito na religiosidade popular e a preservação das crenças religiosas em torno do Sinhozinho. O período destaca-se entre (1940-2018) e dentro do recorte, coletou-se alguns depoimentos dos narradores locais publicados nos meios eletrônicos, mídias e gravados em campo descrevendo os seus saberes, orações e fenômenos de sobrenaturalidade descritos. Propõem-se reunir as experiências místicas como fontes de análise ressignificando a história do personagem curioso que ao desaparecer chegou a ser violentamente agredido até morrer na década de 1940 conforme dizem os relatos adquiridos no campo de pesquisa. A metodologia se aplica no uso das narrações orais e imagens registradas no evento da romaria que ocorre no dia 12 de outubro, celebrando Nossa Senhora Aparecida e sua ligação com os atores sociais sobre uma rede de influências que se complementam e interagem.

Palavras-chave: Religiosidade Popular; Cultura Popular; Narrativa; Mito.

Abstract

The objective is to analyze the narratives constructed by the south-Mato Grosso peoples in the municipality of Bonito-MS and their relations with the myth in popular religiosity and the preservation of religious beliefs around Sinhozinho. The period stands out between (1940-2018) and within the clipping, some testimonies of local narrators published in electronic media, media and recorded in the field were collected describing their knowledge, prayers and phenomena of supernaturality described. They propose to gather mystical experiences as sources of analysis resignifying the story of the curious character who, when he disappeared, came to be violently assaulted until he died in the 1940s, according to the reports acquired in the field of research. The methodology applies in the use of oral narrations and images recorded in the event of the pilgrimage that takes place on October 12, celebrating Our Lady of Aparecida and its connection with social actors on a network of influences that complement each other and interact.

Keywords: Popular Religiosity; Popular Culture; Narrative; Myth.

Introdução

A história de Sinhozinho em Bonito-MS, é uma narração repetitiva e ainda dá o que falar entre os depoentes da geração de 1940. A sua esfera mental, espiritual e superior entre o que não é natural e incomum nas narrativas verbais e visuais da cidade, exercem a manutenção da religiosidade popular sagrada e suas implicações orais nas quais oriunda o mito. Este é sensorial, expresso na cultura popular

¹ Graduada em História e Mestra em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado pela Universidade Estadual de Goiás. Doutoranda em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: layannaestefanny@gmail.com

pela sensação de eternidade e passa a ser uma das referências implícitas mais explicativas pelas experiências dos narradores idosos sendo testemunhas vivas e oculares da sua trajetória. A produção historiográfica é quase inexpressiva sobre esse assunto, persiste pouco pesquisada em âmbito acadêmico, mas não inexperiente nas vozes. Desde 2017 e 2018 não consultamos qualquer tipo de documento palpável nos quais veiculassem a sua figura no distrito de Bonito entre fotos, registros de nascimento e óbito ou suas passagens no vilarejo ao remontar da sua prisão por policiais.

Ao responderem as perguntas elaboradas do roteiro de entrevistas e mais as narrativas dos depoentes do DVD Senhorzinho (s/d) e vídeos da internet, percebeu-se que todos esses senhores de idade avançada já desejavam obter respostas há muitos anos, a fim de que mostrassem ou encontrassem interessados em pesquisar sobre uma origem que tende a ser apagada ao tratar o perfil do sujeito exótico que do ponto de vista social e histórico acarretou no que interpretamos como um possível e pretencioso “abalo das estruturas do Mato Grosso”. Querem alcançar o que o ator praticou nas entrelinhas por escrito ou manteve como um legado construtivo no qual tem sido persistentemente inacessível até agora em termos documentais entre 1940-1944 nesse estado. Chegou-se a uma premissa na qual é determinante, ou seja, a sua insistência histórica, mesmo com o afastamento temporal desses fatores inalcançáveis, mas que independem de provas. A dedicação aos dois anos da pesquisa (2017-2019), não respondeu tudo aquilo o que questionamos na investigação em curso, e apesar da continuidade no doutorado, a consulta bibliográfica do contexto tem possibilitado uma leitura sistemática dos processos históricos de uma vertente que vão desde o século XIX, até o Estado Novo (1937-1945).

Deve-se reconhecer antes de mais nada que o protagonismo das narrativas de Sinhozinho são atrativas e polêmicas por duas questões: a primeira é o seu desaparecimento encoberto na mídia quanto aos meios de divulgação e a lacuna desse episódio permanece sendo um verdadeiro mistério para a sociedade. O segundo seria a veneração do seu culto religioso depois de 1940 até os dias atuais. Partimos consequentemente da ideia de que o mito é uma linguagem do inconsciente coletivo da narrativa no qual as imagens se manifestam como sonhos e são guardadas explicando o inexplicável, indizível mesmo não revelados, têm a tarefa de indicar caminhos que se cruzam com o sentido religioso.

Daremos consistência ao esclarecimento pertinente de que Sinhozinho afeta as variadas vivências na cultura popular e na formação de uma religiosidade do povo, desde a sua devoção aos santos oficiais e o seu seguimento aos valores originados do catolicismo oficial que é assimiladamente

vivido pelo povo. Por tudo isso, mostraremos nesse artigo, como que esses dois catolicismos são elementares e não antagônicos diante das suas diferenças, mas interativos e se libertam embasadas no mapeamento de campo entre (2017-2018). As entrevistas trouxeram uma perspectiva cultural na romaria do Sinhozinho localizada em sua capela na região de fazenda. Fotografando e lidando com o público, captamos como os devotos estabelecem uma relação de ligação mística com o agente internamente humano, mestre, líder e depois de morto, o santo popular que realiza milagres para tais.

Sinhozinho peregrinava pelo sertão à fora no Mato Grosso em rezas, peregrinações, romarias, cruzeiros e curas dedicadas a população necessitada e habitante daquele povoado, em terços, orações e visitando fazendas por onde passava, levando os seus conhecimentos religiosos às casas de inúmeras pessoas enfermas para um tratamento caseiro atrelado à saúde desses homens e mulheres expostos ao perigo do ambiente. Fincava cruzeiros, andava com um rosário e carneiros e esse mutirão em seu entorno foi aumentando até que os seus aliados já trabalhavam em prol de uma obra, coletivizando alimentos na fazenda do seu Hilário. Erguida a cruz pesada, Sinhozinho deu ordens para que os seus homens buscassem à imagem de Nossa Senhora Aparecida, dando início a primeira romaria na qual a evolução do rito é uma prática evidente que tem manifestado há décadas.

Sinhozinho: o mito na religiosidade popular

Sinhozinho viveu em Bonito- MS entre (1940-1944) conforme contam falantes, a geração recente e passada. Nos apoiamos ao seu cotidiano sociocultural, aproximando de dois procedimentos metodológicos: 1) a literatura local e 2) as histórias orais. A fim de entender a sua construção no mito e na face do santo que não é estático e versa o conselheiro, o bem, o profeta e devoto como reflexo das narrativas do povo em um ambiente descrito como “inóspito”, reunimos vários depoentes e esses acabam descrevendo um perfil subjetivo, um tanto misto da sua conduta que de exemplar, transfigurou-se para o campo de uma cultura popular, ainda que fragmentada.

Os contadores de histórias continuam lúcidos, pois são experientes e acompanharam Sinhozinho em 1940 nas suas rotinas em cortar madeira, reunir alimentos como verduras, carnes e edificar capelas nas fazendas. Santos (2014) indica em seu documentário virtual sobre Sinhozinho como este se ocupava com os demais e reluzia bondade, serenidade, cuidados fraternais carregados de boas intenções, harmonizando as relações conflituosas do distrito. Ao se ater aos detalhes que são tecidos, essas narrativas ainda reforçam nuances e personificações que inspiram os seus referentes. Ao não esclarecer devidamente na oficialidade, as dúvidas que vão surgindo sobre esse tal senhor que segundo

Santos (2014), juntava ricos e pobres, perfez a estranheza, chegou de repente de baixo da árvore, se ajoelhando, fazendo sinais, rezando para o mais fraco, apontando para o alto e trabalhando no campo como voluntário em prol da partilha e do amor. Sabemos que atuou como um sábio senhor visivelmente ágil aos seus aliados e de um conhecimento vasto sobre as coisas da natureza, às águas, às plantas, os homens, os santos e as inúmeras situações ambíguas e até hoje não são conhecidas pelo julgo misterioso que o compara entre o céu e a terra, segundo relatos.

Conforme consta-se nas narrativas do S.T. (s/d) e Santos (2014), Sinhozinho era o homem que trazia clareza com a sua sabedoria santa, instruía a terra firme, onde não existia nada. Santos (2014) entende que se apresentava de forma atrativa, desinibida, mágica, audaciosa e rígida com poder curativo, autônomo e vivia entre os frágeis e fortes sem fazer qualquer distinção de classe. As narrativas do S. T. (s/d) confirmam sobre o surgimento de tribulações terrenas, o que se passa como apocalíptico e inevitáveis, como a serpente que iria devorar o povoado ou mesmo o final dos tempos em Bonito. Santos (2014) esboça que costumava cumprir o seu papel solidário de levar não só a fé, mas com isso, proporcionar um grande conforto não material aos cristãos incentivando o bem comum.

Observando as falas, fomos notando a sua postura mais humanizada e influente, vivendo na informalidade dentre outros indivíduos menos providos sem ter o ofício identificado. Ficou conhecido por sua devoção, espiritualidade e ser social e justo ao doar as posses e deixar a bondade a ser seguida para os mais jovens e isso o fazia admirável. Verificamos no campo entre (2017-2018) e lidando com entrevistas públicas, que esses enredos são versões nas quais pluralizaram-se nas estórias a serem ensinadas ao longo das décadas. F. R no documentário de Santos (2014) o afirma como santo, narrando como era nítida a sua gentileza e solidariedade, diferente de ver, compreensível e acessível de compaixão com o próximo enquanto era vivo.

O que mais impactou essa comunidade nas narrativas virtuais e outras mídias é o seu sumiço sem conter os vestígios do que os narradores chamam de “paradeiro”. No DVD Senhorzinho (s/d), entrevistados evocam que depois de preso e denunciado, o levaram sob tortura através do filho de um farmacêutico, chefe da captura para o presídio de Ponta-Porã. O. P. (2017) diz que na farmácia não se vendia mais nada e por isso se queixou para o filho em desapontamento. Surge assim a descrição de como o mataram jogando seus pedaços destróçados no Corguinho no ano de 1944, hoje visto como fonte sagrada. A oralidade supriu até certo ponto as fontes escritas, uma vez que Sinhozinho ficou marcado no imaginário de vida e morte da época.

Ao utilizarmos Ginzburg (1987), sustentamos o enfrentamento de uma compreensão que seja utilizável na reconstituição dos dados oficiais de Sinhozinho ao nos depararmos com os desafios de um tratamento documental ainda não acessado, questionando essa possibilidade. Defendemos que a afirmativa informação da existência de Sinhozinho nesses percalços, circulou durante décadas entre o povoado que vivia infligido pelos males do povoado. Nesse caso, as entrevistas testemunharam os seus variados feitos e inspirações divinas, mas o que chamou atenção mesmo é a declaração do seu falecimento injusto. Posto isso, Sinhozinho é narrado nas faces da mentalidade sertaneja por ser eficientemente prestativo e religioso, algo heroico nas afirmações de um distrito visto como “caótico”. Não deixou documentos que remontassem a sua identidade, além da figuração do santo. Santificado na história oral, mesmo não sendo canonizado e nem reconhecido na oficialidade católica, os seus seguidores o descrevem como uma santidade popular. A sua capela é um local de culto e os mais variados grupos prestam homenagens e frequentam o ritual da romaria no dia 12 de outubro, onde as testemunhas recriam uma forma de respeito, lembrança e apreço as entidades pelos ritos praticados.

Um dos conceitos que trabalhamos a personalidade de Sinhozinho, é o catolicismo popular. Devemos enfatizar que a crença é uma prática histórica dos séculos passados infiltrados de raízes reflexivamente medievais e coloniais dentro e fora das Igrejas. Ao utilizarmos Peter Burke (2006) como referência, chegamos a compreensão na qual a cultura popular é a parte inscrita de uma religião temporalmente praticada pelos sujeitos relacionais nas suas formas híbridas e históricas. O homem se projetava entre as divindades do sagrado e sacralizava simbolicamente o seu espaço, criava a reinvenção no transcendente e de si mesmo na renovação cultural de outras culturas e novos valores. Levi (2000) e Ginzburg (1989) infere as classes populares passíveis de uma microanálise, Sinhozinho se identifica com tal abordagem, uma vez que ao compreender as incertezas e a abstração situada por Levi (2000) entre as sobrevivências das crenças camponesas, assim como Ginzburg (1987), (2006), ressalta-se as tensões mescladas entre as vozes perdidas, o vemos pelo olhar de baixo por se tratar de sujeitos movidos por motivações desconhecidas resgatando um pouco da historicidade de Bonito pelas lentes de um agente carregado de enigmas e muito pouco compreendido no seu universo mais amplo.

Sinhozinho tem uma feição móvel, não se fixa, é misterioso, interessante, estético e se adapta a cultura enfatizada por Geertz (1989), o que o transfere ao produto da ação humana dentro das suas condições concretas afirmativas de uma vivência atravessada do social para o plural sobre uma complexidade nos comportamentos, códigos, linguagens e manipulações das estruturas sociais que compõe o lugar. Desse modo, manifesta em Max Weber a ação do homem comparado ao animal

amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, e a cultura como uma teia. Dessa forma, entende o discurso humano como algo interpretativo entre rastros.

Os sujeitos visitantes da capela do Sinhozinho ao longo dos anos, são indivíduos que praticam a religiosidade popular nas narrativas dos mais antigos e seguem pagando penitências nas crenças católicas arraigadas em muitos momentos na história capaz de produzir afetos, sentimentos e desejos de se aproximar do sagrado e isso funda imaginários próprios nos sonhos proféticos e mitológicos na cultura popular. Na romaria do Sinhozinho há a viabilidade das sensações múltiplas desses seres em suas religiosidades ao seguirem suas trilhas direcionadas aos santos, seja à pé, bicicleta, carro ou em multidões no intuito de cultuar Sinhozinho e Nossa Senhora Aparecida pelos símbolos criando o seu ambiente interior imagético e poderoso na escolha do seu santo eleito entre rezas, entregas e promessas amenizando os males da alma. Alves (1984) explica que a sacralização se trata de uma transformação do ausente em presente. A observação de campo durante as devoções, destaca as cantorias dos peregrinos que vão até as imagens sagradas e superam as distinções sobrepostas entre o que é ser santo oficial e não oficial da Igreja no ano de 2017. O sujeito venera o sagrado, assim como aponta Pereira (2014) ao entender a veneração e temor dos grupos diante da autoridade divina. Já para Eliade (1992), o sagrado tem uma concepção histórica no mundo sendo uma parte ontológica do universo.

Nas narrativas sagradas resgatando o mito, os romeiros prestigiam, mas se dispersam na capela e o seu entorno entre as velas sendo entregues as imagens do sagrado. Observa-se as vidas sobrepostas aos seus medos, votos e intimidades acionando as esperanças entregues de dias renovados com acolhimento e plenitude ao crerem em Sinhozinho e Nossa Senhora Aparecida conforme observado em 2017. Segundo Brandão (1985), a religiosidade popular é uma crença relacional entre as famílias e fortalece a alegria do camponês no seu universo espiritual profundo. O rezador se apega, cantando e solicitando aos santos o sobrenatural na proteção divina. Para o antropólogo, o padre realiza a missa e o batizado na roça.

Segundo Freyre (1998), a família patriarcal alicerçou o conjunto da sociedade brasileira ao praticar a religiosidade popular com mais intensidade no auge da Casa-Grande na passagem dos dias, anos e vida dos moradores. Rezava-se ao acordar de manhã, na hora das refeições, ao se deitar à noite, nos cantos pelo quarto e junto dos escravos. Se obtinham formas de proteção das famílias em casos inusitados como enfrentar os riscos de serem surpreendidos por ladrões, assassinos e tempestades. Mito e religiosidade popular se revezam entre o inexprimível. Em nome dessas forças, jejuava-se, guardava-se preceitos católicos determinantes pelos agentes religiosos, tais como a necessidade do

sucesso do trabalho agrícola e escravo nas plantações e outras rotinas do homem. O sertanejo cumpria com a sua obrigação e além das manifestações religiosas, o mito é outra expressão integrada na sociedade, valorizando e intensificando o fenômeno sagrado. Para Croatto (2001) na obra: *As linguagens da experiência religiosa* (2001):

Todo mito é a expressão do “sentido” de uma realidade concreta, cuja instauração ele narra. Portanto, o mito é parcial. Mas outro ponto de vista, o mito é totalizado. Se por um lado ele apresenta a “origem” de uma realidade, por outro implica seu não-fim, sua permanência contínua e recriação (CROATTO, 2001, p. 271).

Sinhozinho é o homem e o santo, se mistifica como defensor dos aflitos e oprimidos de acordo com os seus seguidores em 2018 e se tornou o sujeito e o mito ao mesmo tempo, voltado a religiosidade popular vivida na região do Mato Grosso pelas testemunhas de 1940. Responde a origem do que não se explica e de acordo com Croatto (2001), Sinhozinho envolve uma rede de significados pouco entendidos em termos interpretativos para os religiosos na sociedade passada e intransponíveis na narrativa comunicativa. Por outro lado, essa versão pode ser concretizada objetivamente por ilustrações, ornamentos, oralmente ou mesmo pelo rito do dia 12 de outubro, pois as realidades vividas com o ser transcendente são realizáveis e traz acontecimentos recriados por quem as vivencia e pode ser transsignificada em algum ocorrido marcante do narrador. Portanto nunca vai ser esquecido no seu marco. Em termos orais e escritos, nasce da própria história e confirma uma existência que instrui a realidade. Croatto (2001) se refere ao mito como algo capaz de retomar a origem divina e se situar em algum lugar e tempo, obtendo a transsignificação escatológica.

Com a coleta das histórias produzidas entre (2017-2018) sobre Sinhozinho, fomos surpreendidos ao notar o quanto as emoções do povo sofrido afloram perceptivelmente e resgatam o lado inesquecível, metafórico e poeticamente repassado ao indivíduo próximo de um sublime, promovendo a exaltação dos seus caminhos nos terrenos, cachoeiras e matas recitados nas devoções populares, mensagens, curas, novenas, construções de capelas, poderes sobrenaturais e acima de tudo por ser um líder experiente e comunitário em Bonito. Partimos da concepção de Rocha (2006), interpretando o mito como uma narrativa que pode ter muitas experimentações no caráter fantástico, nos remete a apelação de uma resolução transcendental de seus seguidores em suas palavras transmitidas nos recursos audiovisuais, e outras experiências presenciadas entre os atores históricos. Aplicando a metodologia oral, o mito Sinhozinho na interpretação de Rocha (2006) é uma narrativa na qual manifesta espanto, fascinação, temor, e tudo isso não pode ser resumido a uma história qualquer. Trata-se de uma trama e a visão não é tão nítida dos enredos. Sinhozinho se embarça na

própria história, se recria entre os ancestrais e nas participações do dia 12 de outubro entre imagens, objetos, falas e escritos. Os devotos não traduzem o sentido literal da sua essência significativa, o mito se faz referente por não ser plenamente revelado na linguagem, assim, confunde, mas também confirma segundo Rocha (2006) aquilo que é oculto nas explicações descritivas da sua existência.

Sinhozinho é mítico e mesmo não oficializado como Nossa Senhora Aparecida, não há distinções entre ambos os santos nos oratórios da sua capela oficial em Bonito. Dedicado em construir outras capelas menores descritas no DVD Senhorzinho (s/d) e por Silva (2014) com “material de bacuri” nas suas jornadas missionárias pelas fazendas da região, observou-se a quantidade satisfatória de imagens religiosas e ornamentos depositados, na observação de 2017, embora não chegamos a conhecer a totalidade de todos os outros locais. Na romaria, há aqueles que cultuam e se organizam, agradecendo e mantendo os mesmos pedidos e ao recorrermos a Eliade (1992), interpreta-se que os agentes podem transcender o sagrado ao revelar o absoluto por traz do culto aos símbolos materiais do mundo trans-humano. O que se faz valer na concepção de Ginzburg (1989), definindo esses atuantes por uma reciprocidade entre cultura oficial e popular, entendemos que Sinhozinho é materializado com a mesma potencialidade sagrada como santo entre outros que são canonizados e pode se fazer ouvir pelo que Ginzburg (1987) abarca na voz humana sobre uma investigação mediada por pistas no encontro do que há de misterioso e não dito. O ritual do mês de outubro celebra as santidades canônicas e não canônicas de um mesmo convívio mutuamente restituídos pelo mito religioso e os seus sentidos reafirmando o lugar social e real para uma verdade afetiva, Bakhtin (1987) e Ginzburg (1987), consideram que as culturas se reconhecem como recíprocas e não antagônicas.

No DVD Senhorzinho (s/d) e para Silva (2014) o sagrado nas relações entre a devoção popular e a sua ação de levar a cura para os seus fiéis, provém da conexão com Sinhozinho ao fato do mesmo atingir não só a santidade, mas antes de tudo, ter sido socialmente humanizado enquanto indivíduo de paz, solidário e atento aos perigos do seu entorno, uma vez que fazia previsões sobre o futuro e ajudava as pessoas mais necessitadas doando roupas, comidas e crucifixos que recebia. Aconselhava aqueles que agia pelo mau e vivia como curandeiro experiente, usando plantas para curar os doentes. É pluralizado em várias facetas enquanto milagreiro, mestre divino e santo popular e isso confrontou vivências religiosas no relato que não é devidamente claro e objetivo ou mesmo que ultrapassa as explicações que são evidentes e ditas por outros grupos. O mito é recitado e se transforma em palavra sagrada e particular para o povo e à ideia de uma divindade da qual se revela na cosmovisão capaz de experiências reconhecidas pela comunidade.

Sinhozinho: uma mística da devoção popular

O mito é experimentado pela afinidade de quem acredita e desse modo, atrai tudo aquilo do qual é cifrado e se esconde entre discursos. Sinhozinho na perspectiva de Rocha (2006) não se trata de uma narrativa qualquer, é um indivíduo profundo e sensível no singular e possui externalidades invisíveis. No DVD *Senhorzinho (s/d)*, nota-se indícios perceptíveis da sua passagem repetitiva no linguajar do povo no que compete ao seu legado rotineiro como comer mel, se alimentar de peixe, viver como andarilho, olhos azuis, cabelos claros e roupas alongadas e por isso conturbou os informantes ao testemunharem as relações de poder no ano de 1944. No tocante a perseguição dos comerciantes de remédios e uma rejeição explícita das autoridades públicas na sua postura acessível aos demais. Nesse aspecto, ressaltou a sua autenticidade em fabricar medicamentos popularizados e distribuídos sem custos financeiros aos doentes, incentivando o trabalho comunitário entre novenas, rezas e o erguimento de capelas. Por ter sido tão inusitado para o seu contexto histórico, seguiu imaginado em diferentes circunstâncias.

Na historiografia do Mato Grosso, percebemos a consciência historiográfica formada ao longo dos períodos mais interpretáveis na perspectiva analítica dos conflitos políticos e sociais afetando o meio segundo Corrêa (2009). Entre (1937-1945) no Estado Novo de Getúlio Vargas, uma leva de migrantes e posseiros de outros estados em busca das condições de trabalho, terras e uma nova vida no distrito, não só migraram, mas ocuparam as terras agrícolas entre famílias sulistas, paulistas, mineiras e baianas durante o programa de colonização incentivado pelo governo Vargas. A instabilidade apontada por Corrêa (1999), propiciou a gerar algumas revoltas factuais mais acirradas entre os eventos históricos e lutas externalizadas entre as elites locais reproduzindo uma guerra mais aberta pelo poder político, além do uso de armas. Nas narrativas da S. N. (2017), Sinhozinho desarmava pistoleiros ácidos, grupos de fazendeiros e poderosos, pois este sabia que esses homens destemidos e fora da lei, não andavam desarmados, tanto que solicitava a se comprometerem nas suas reuniões com o sagrado e os mesmos obedeciam ao seu mestre se rendendo diante do pedido.

A mentalidade sertaneja no Mato Grosso, expressa o mito da origem divina do Sinhozinho dentro de uma construção Bíblica na cultura popular, ora confundida como próprio Cristo segundo D. L. (2018), ora praticando as atitudes cristianizadas pelos seus locutores nas reafirmações orais pela aparência, ou a caridade, as profecias cumpridas, ensinamentos religiosos, atendimento aos mais atingidos e frágeis as violências impunes, fome, intrigas e doenças contagiosas devido a circulação de pessoas perigosas da fronteira paraguaia, depois de contrair a febre amarela. Afirmamos ser a

enfermidade mais relatada nas entrevistas de 2017, quando resgatamos o período insalubre onde os padres se dirigiam de Miranda à cavalo e nem sempre alcançavam todas as camadas da sociedade passada. Apesar disso, entrevistados como o senhor D. N. (2017), reconhece em sua fala, a memória de ter presenciado alguns batismos solicitados pelas famílias da cidade, enquanto garoto em 1940. Bakhtin (1987), afirma que a cultura popular cruza por sistemas de representações entre o oficial e não oficial dinamicamente sobrepostos pelo entrelaçamento, discutindo as influências mútuas e não oposições discrepantes. Ao concordar com o termo aplicado as fusões culturais, podemos dizer que Sinhozinho nunca se opôs a Igreja, conforme relatado em 2018, apenas reforçou os valores do catolicismo, ato que lhe faz ser um ícone da religiosidade popular. A imagem do campo, ilustra as figuras de Sinhozinho na parte de dentro e fora da capela. Disponibilizaremos uma dessas materializações (Imagem 01).

Imagem 1: Escultura do Sinhozinho de Bonito



Fonte: CARMO, L. S. F., do, out. 2017

A fotografia está registrando uma das imagens do santo esculpido na cultura popular, lembrando que há réplicas da sua materialidade esparramadas na fazenda e de acordo com Eliade (1978), acompanhamos as erupções do sagrado e os acontecimentos primordiais do mito. Visualizamos no objeto, o lado mais afetivo de Sinhozinho para os seus devotos como a S. L. (2018) ao idealizar o

santo assim como o senhor Jesus ao imortalizarem os traços imagináveis da sua aparência lírica, mais ilustrativa pela figuração material substituindo a cena travada pelo crime de 1940 narrado na história oral. Acreditamos que segundo Cassirer (1985), há um tipo de conteúdo sensível, metafórico, linguístico e sensorial sobrevivendo na expressão artística das suas esculturas, o que é identificável na foto retirada em 2017. No DVD *Senhorzinho* (s/d), as palavras dos entrevistados são bastante elucidadas de fé e emoção ao narrarem a sua santidade, atribuições prestativas que se aproximam dessa crença mística e religiosa, desde as habilidades impressionáveis de multiplicar alimentos, como o peixe e a mandioca na hora das refeições nas rezas, assim como Cristo e seus Apóstolos. Anunciava o final dos tempos e alertava para os pecadores de Bonito tomarem cuidado com a ira divina, pois dava alertas de não pertencer ao mundo comum, atores como D. N. (2017) ainda diz que só poderia ser um santo de olhos azuis, cabelos claros coberto com um manto e uma cambuca atravessada no corpo.

As entrevistas tratam da sua delicadeza em ouvir, gestualizar e agir no próximo destacando as suas boas intenções, produzir orações próprias e realizar milagres, ressaltam o enaltecimento do símbolo ao celeste nas narrativas. Conversando com os moradores em 2018, fomos informados pelas entrevistas armazenadas na internet que o consumo de medicamentos entre (1940-1943) deixou de ser pago pelos habitantes, essa história é confirmada nos depoimentos gravados em outubro de 2017 ao informar sobre a notícia de um curandeiro famoso que improvisava produtos caseiros em seus atendimentos religiosos. Rezava de casa em casa, atraindo a população de moradores pobres, doentes, famintos e necessitados segundo o S.T. (s/d). A falta de recursos básicos de sobrevivência devido as secas, intrigas e carências não supridas literalmente aos mais vulneráveis à miséria, contribuiu para o que se entende ser o maior desfecho problemático das narrativas nas faltas visivelmente materiais, uma vez que não havia um atendimento pleno, e esse senhor atencioso ao não fazer distinção aos demais, começou a incomodar os farmacêuticos por atender à todos gratuitamente com a mesma eficácia pelo conhecimento de curador e não especializado, à base de cinza e ervas medicinais.

A ausência de medicamentos incentivou a consultarmos a pesquisa de Costa (2010) ao apontar a publicação do médico Nestor Simões Pires depois de ter publicado o artigo: Distrito de Bonito e sua Nosografia, na edição Anuário de 1943. Nos apontamentos da sua publicação, os problemas sanitários se agravavam por não haver médicos laboristas e nem postos sanitários. Explicando pela visão do médico, o abandono dos pacientes submetidos a essa gravidade se dava devido a não assistência formal. Os dados são divulgados na sua dissertação de mestrado, mesmo com as tentativas de acessá-

los no mestrado, não foi possível. A comprovação da precariedade sanitária se confronta com a passagem de Sinhozinho postada nos sites. Encontramos a seguinte informação no site eletrônico:

Lenda, realidade e mistério parecem confundir-se quando o assunto é Sinhozinho, figura mítica já incorporada à história e ao folclore de Bonito. Considerando um homem santo por seus seguidores, a história do “Mestre Divino” remete ao ano de 1944, quando este senhor de longas barbas, olhos e cabelos claros apareceu na região. Sinhozinho era tido como um curandeiro e realizador de milagres, utilizando apenas cinzas e água em suas sessões de cura. Vestia um longo manto sob o qual seu braço esquerdo permanecia sempre escondido, sem nunca ter sido visto. Alimentava-se apenas de frutas, mandioca, peixe e mel, do qual carregava sempre um afresco e molhava os lábios constantemente. Não falava, comunicando-se apenas por gestos para o alto (PORTAL: BONITO, 2016).

Um dos veículos difusores das narrativas de Sinhozinho em Bonito, são os casos das mídias sociais criadas por blogs e as mesmas se baseiam nos relatos de uma população devota na religiosidade popular que acredita ano após ano, na explicação persistente que esse ator histórico realmente existiu e desde que apareceu na década de 1940, reforçam que quase ninguém soube explicá-lo ao ato de presenciarem o personagem em sua aparição desinibida e tão incomoda e perturbadora. O não revelável deu margem as narrações do seu perfil pessoal instigante por não obter um comportamento de convencionalismo.

A instabilidade das instituições políticas sem um efetivo aparato legalizado, enfatiza a insurgência do quadro conflituoso da troca de tiros, desavenças resolvidas à base da bala e a restrição como regra imposta aos invisíveis, onde a imprensa não exerceu qualquer atuação ao não registrar vestígios das vidas anônimas e despercebidas, o que talvez tenha sido intencional. Em todo caso, precisamos perceber que assim como apontado por Corrêa (1999), houve uma marginalização social e histórica do estado e sua fragilidade governamental interferiu na isenção de segurança alavancando correntes migratórias de paraguaios, sulistas, ex-soldados, baianos e paulistas frente as disputas por exploração das terras ervateiras, Corrêa (1999) também analisou as contentas e suas resoluções à base da bale em “terra de ninguém” associados a pobreza, logo fez com que esses devotos se sentissem mais seguros e corajosos ao obterem os benefícios proporcionados por Sinhozinho em suas dificuldades diárias. Em outra versão, Costa (2010) identifica as tropas de Silvino em 1939 sitiando o distrito sem cuidados médicos. Os mato-grossenses falam em suas residências da originalidade de Sinhozinho e repetem linguagens como a cor dos olhos, das roupas, à comida e suas relações. Em outra entrevista, descrevem sua aparição:

Apareceu de repente. Apareceu assim, na porta de uma casa pedindo comida, fazendo senha que ele queria uma mandioca para comer. Era o que ele comia, era

só mandioca. Ele não falava, ele fazia senha. Disse que quando ele via que você não entendia, ele pegava o lápis e escrevia no papel e dava pra você. Ele não fazia mais nada, só rezava noite e dia de joelho e ele tinha dois carneirinhos. Nesse tempo, o prefeito teve que tomar providência e fama dele, que tinha família que estava passando fome. Só ficava naquele negócio daquela reza, noite e dia. Eles admiravam como o povo ficou daquele jeito. Eles fizeram tanta judiaria pra ele. Disse que no fim da vida, tiraram a roupa dele, desfilaram com ele pelado, bateram muito pra fazer ele falar e ele não falou. Consumiram com ele, aí deram fim nele; ninguém sabe se mataram, de certo mataram. Tem gente que era crente nele, que não acredita que ele desapareceu [...] (ANA, entrevista publicada pelo youtube em 18 de setembro de 2011).

A narradora indica que Sinhozinho é engajado e conhecido por suas senhas sem utilizar o som da voz, o que não teria sido empecilho, todavia, seus gestos se faziam ouvidos. Vivia cercado de animais, carneiros e cachorros. De estatura pequena e humilde, notaram que permanecia mudo e se comunicava em mímicas. Algumas vezes, precisou se articular por escrito para que pudesse tomar decisões. No DVD *Senhorzinho (s/d)*, as narrativas referenciam que reuniu cerca de alguns homens para que fosse possível construir a sua capela em 1940 na fazenda do senhor Hilário Sanches. As romarias e procissões em votos entregues à Nossa Senhora Aparecida são originárias da sua devoção pela santa anteriormente, e nas datas anuais é venerada não só no dia 12, mas em outras ocasiões porromeiros dedicados a essa manifestação religiosa. Os trabalhadores e camponeses entusiasmados com essa conexão passada, se desvinculavam de suas atividades para se encontrar com o mestre. No final da entrevista, vemos que Sinhozinho incomodava profundamente aquela elite de comerciantes à ponto de sofrer constrangimentos públicos, físicos e torturas da guarda policial. *Falcão (s/d)*, descreveu em seus escritos literários, os ocorridos da sua prisão, desde as tropas desfilarem, darem risadas sob penalidades e retiravam o seu manto pedindo para que se explicasse pela linguagem, debochando das suas atitudes, e ele dizia que não era daqui, era lá do céu, respondiam que “queria se fazer de santo, mas era um mendigo explorador” (ROOSWELT, s/d, p. 133).

Rooswelt (s/d) ainda escreveu que a própria farmácia não comercializada por remédios e Sinhozinho usava água fluída e benta, sendo assim, todos que tinham fé saíam curados. A sua autoridade com o Pai Celeste dava livramento do espírito maligno e cura:

A pessoa sentia mal, dor de cabeça, dor no corpo, ruínera. Ele fazia uma oração e a pessoa saía curada. Quando ele apareceu aqui, tinha uma turma que não gostava, porque ele dava remédio e curava e aí começaram a perseguir ele. Pegaram os carneiros, degolaram [...] (MARCONDES, entrevista publicada pelo youtube no dia 18 de setembro de 2011).

Durante as visitas da pesquisa, chegamos as considerações nas quais o Sinhozinho curava os menos abastados e favorecidos, livrando os males do corpo, alma e não precisava de muito, apenas da água e a intercessão dos santos mediadores. Costumava interceder à Nossa Senhora Aparecida não só aos adultos, mas pelas crianças em orações quando essas sentiam algum mal-estar, como dor de barriga, mau olhado ou por ter sido contagiada ou ter contraído outros problemas. Quem presenciou Sinhozinho nas novenas, indica que o ator virava cerca de até noites seguidas, consultando o sagrado e Rooswelt (s/d) nos relatou que a imagem que se encontra na capelinha é original teria sido ofertada pelo senhor Cristiano Lima e seu Moacir Neto é o encomendador da santa de 1940. Na foto destacando a romaria para o Sinhozinho no ano de 2017, a dimensão de como os romeiros mantêm um contato de agradecimento (Imagem 2).

Imagem 2: Capela do Sinhozinho na romaria de 2017



Fonte: CARMO, L. S. F., do, out. 2017

No turno vespertino, o número de integrantes se encaminha, se inserindo após o término da missa decorrente do (matutino) não é tão expressivo quanto nos outros turnos. Dentro da capela, há devotos de Nossa Senhora Aparecida pagando promessas junto dos seus familiares aos santos, ofertando alimentos e água disponível. Muitos penitentes e devotos saem de Campo Grande, outros se deslocam das fazendas vizinhas e vestem no dia evento, as camisetas estampadas com a imagem religiosa de Nossa Senhora Aparecida. Podemos dizer que, ao utilizarmos Brandão (1987) e (1985), detectamos que é por meio da religião do povo que os mitos se manifestam na capela de Sinhozinho,

no que o antropólogo chama de “interior das crenças pelo desejo de imaginar respostas para a vida social reatualizando o mito”. Moraes (1998), ainda destaca que o mito não se separa da vida das pessoas camponesas ou não, essas seguem se deixando influenciar pelo lado mítico, sendo positivamente um modo de ser. Brandão (1991), ainda entende que está no coração do ser humano quando esse, têm a oportunidade de expressar suas angústias, alegrias e conquistas.

Sinhozinho e Nossa Senhora Aparecida são entidades cultuadas por uma mesma fé católica, portanto, se revezam por uma ação semelhante e ao referenciar Burke (2006), percebemos uma interação dos santos e não a divisão entre as culturas, essas fazem e se refazem sobre um conjunto misto variável, onde um elemento não aparece sem o outro, ambos dividem interações diante de uma colcha de retalhos não acabados e segundo Arantes (2004), a cultura é uma junção do homem na natureza ao circular imagens, mitos, dogmas e ritos e nesse exposto, Freire (2001), entende que ao viver a religiosidade popular, o católico não depende da intervenção de uma autoridade eclesiástica e os usos oficiais são recriados e o catolicismo oficial absolve características do oficial com uma significação do sagrado. Em outra imagem da capela, o estandarte do Sinhozinho (Imagem 3).

Imagem 3: Estandarte de Sinhozinho



Fonte: CARMO, L.S.F., do, out. /2017

Sinhozinho está próximo da imagem de São João Batista, santo de sua devoção em 1940, e ao seu redor, há rosários, cruzes, flores, vasos e imagens de santos, como Nossa Senhora Aparecida. Os promesseiros mantêm os seus pedidos, lamentações e cada objeto do voto tem algo de particular e especial entre as culturas transitando na internalização dos desejos, sonhos, pensamentos e respeito ao seu guardião celeste. A cultura é presentificada nas graças, e mentalizações demonstrando que Sinhozinho está por perto com os seus atributos, não só pelos relatos individuais, mas pelo que representa como um agente histórico que transformou o intransformável, embora haja tentativas de apagamento da sua historicidade. Suas virtudes e vicissitudes vigoram na imagem. Por fim, essa religiosidade popular de Bonito se sustenta e entrosa culturas, traz consigo outras festividades sagradas, um exemplo disso são os festejos prestadas à São Pedro Apóstolo, padroeiro deste. Além do mesmo, a romaria na capela do sinhozinho é uma celebração oficial que já recebe uma estimativa de mais de 700 pessoas nas programações. Reúne sujeitos de vários lugares e visitantes que chegam na capela dinamizando encontros, homenagens e ornamentações do espaço.

Considerações finais

Consideramos que Sinhozinho têm influências reais, mesmo abstrato, explica um conjunto de relações contraditórias, religiosas e culturais que se assimilam. As narrativas vão desde o comum, o banal e o majestoso. Se diferenciam e trazem modos de se perceber no mito suas interdições e o interdito criando existências míticas. No que tange o mundo material, formaram-se vários sentidos históricos, sociais e religiosos de como os narradores nutriram o sagrado e pensaram os objetos e expressões populares ao concretizar a mentalidade dos entrevistados acreditando nas suas experiências extraordinárias com o santo mato-grossense envolto na cultura popular. Perpassando entre as ideias, fantasias e aspirações que o personagem e sua autoridade divina passou a ser formada sobre as incertezas carregadas nas ideias inseridas no tempo histórico de 1940, reconstruindo os valores cristãos e cultos nas narrativas e seus impasses nos papéis familiares. A sua condenação pelas forças policiais e a captura não superou o reconhecimento dos bonitenses na religiosidade popular à frente do escandaloso e do criminoso fazendo com que a sua história não se encerre por não haver documentos e escritos sobre a sua existência, a mesma não precisa desse tipo de comprovação entre as testemunhas orais.

Para tanto, acreditamos que o catolicismo popular produz diferenças e circularidades e também assume significados e referências nos quais transitam na micro-história, nas classes populares, entre

os locais que transcendem e absolve aspectos do catolicismo oficial em uma relação complementar de ir além da divisão propriamente dita ou mesmo de uma disputa travada dos dominantes e dominados que se enfrentam. Sinhozinho resistiu, foi autônomo e pagou com a vida. A sua cultura catalisou realidades inseridas entre duas culturas opostas nas suas variedades plurais ao terminar de uma forma trágica e começar de outra pelo mito fundando a morte do indivíduo que se santifica, se apropria das histórias e reinventam noções estéticas, linguísticas e polissêmicas nas experiências culturais que não são puras com o mito, se desenvolvem pela dicotomia e harmoniosas nas suas facetas. Sinhozinho fazia curas e milagres nas entrevistas, segue sendo descrito como devoto, penitente e principalmente em ser o sujeito responsável por fundar o fenômeno da romaria de Nossa Senhora Aparecida.

Os narradores atuais acreditam que Sinhozinho é um santo popular da devoção passada e presente, na qual exerce grandes poderes milagrosos na sua capela e na romaria. Encontra partida, precisamos considerar como premissa contextual, o fator histórico entre (1937-1945) no Estado Novo de Getúlio Vargas, para chegarmos aos eventos decorrentes do estado e os mesmos são referentes aos interesses comerciais disputados entre os grupos dominantes sob um jogo de manipulações e posições na atuação das elites ao determinarem as lutas políticas entre os grupos.

Sinhozinho é absolvido nas culturas e vicissitudes conforme é possível observar nos depoimentos e o mito transfere uma imortalidade à sua santidade popular que aproxima e filtra essa manifestação. Por si só é suficiente na sua imagem ousada e rica de detalhes, mesmo parcialmente atuantes nas tentativas de restitui-lo. Por fim, captamos a sua pertinência religiosa no que diz respeito a escassez de pistas e a intervenção de agentes apontados pelos pesquisadores como “rebeldes, paraguaios, bandos de jagunços, fazendeiros, elites e políticos em confronto, como é o caso dos bandoleiros, um exemplo é Silvino Jacques no Mato Grosso. Entre o indivíduo anônimo que morreu sentenciado pelo decreto dos homens e grosseiramente pela amargura farmacêutica e se santificou na crença respingada por sangue, silêncios e omissões frutificadas de uma tragédia, nos deparamos historiograficamente com um cenário omissivo e intenso na contradição entre violentos e rezadores, o que perdurou no tempo diante das provocações, lutas justiceiras pelos mandantes enraivecidos pelo poder e vingativos aos seus oponentes gerando o que os historiadores trabalham com a “violência do povo armado”. De encontro a um conjunto de entrevistados, os mesmos afirmaram que esses mesmos sujeitos conviveram com esse indivíduo no decorrer das gravações (2017-2018).

Fontes

LINA, Senhora. Depoimento (Abril / 2018). Entrevistadoras: Layanna Sthefanny Freitas do Carmo e Maria Idelma Vieira D´Abadia.

NUNES, Daniel. Depoimento (Outubro / 2017). Entrevistadora: Layanna Sthefanny Freitas do Carmo.

PRADO, Osterno. Depoimento (Outubro / 2017). Entrevistadora: Layanna Sthefanny Freitas do Carmo.

Documentário Senhorzinho. (s/d) (s/n).

MESTRE DIVINO – As histórias que envolvem Senhorzinho. Kemila. Apresentado por Kemila Pellin da Silva. [Campo Grande: M. S]. 2014. 1 vídeo (16 min 42seg). Publicado pelo canal Trabalhos de Conclusão de Curso – Jornalismo UFMS. Disponível em: <<https://youtu.be/TBZDAZn9h4?t=4>>. Acesso em: 17 junho. 2019.

SINHOZINHO - Em Busca do Profeta. Laryssa. Apresentado por Laryssa Caetano. [Bonito: MS]. 2011. 1 vídeo (5 min 28 seg). Canal Poranduba. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=debL_zYp20A&t=79s. Acesso em: 25 jan. 2018.

Portal Bonito. Disponível em: <http://www.portalbonito.com.br/cultura/folclore/sinhozinho>. Acesso em: 25/01/2018.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubens. **Religião e Representado**. Editora: Abril Cultural Brasiliense, 1984.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 14ª Ed. – São Paulo, SP: Brasiliense, 2004. – (coleção primeiro passos; 60).

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado: estudos de Religião e ritual**. São Paulo, SP: Edições Paulistas, 1985.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**, vol. I. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CASSIRER, Ernst. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1985.

CORRÊA, Valmir Batista. **Fronteira Oeste**. Campo Grande, Editora: UFMS, 1999.

CORRÊA, Valmir Batista. História e Violência Cotidiana de um “povo armado”. **Projeto História**, São Paulo, n.39, pp. 57-73, jul/dez. 2009.

COSTA, Groenendal Gressler Patrícia. **Cidade Das Águas na Trilha das Construções Identitárias de Mato Grosso do Sul (1948-2010)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Grande Dourados, Dourados.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano. A essência das religiões**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob Regime Economia Patriarcal**. Editora Record. Rio de Janeiro, 1998.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Editora LTC, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo. Editora: Companhia das Letras 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2006.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial**. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Moraes, H. J. P. (2016). **Sob a perspectiva do imaginário: os mitos como categoria dos estudos da cultura e da mídia**. In G. G. B. Flores, N. R. M. Neckel & S. M. L. Gallo (orgs), *Análise do Discurso em Rede: cultura e mídia*, v.2. Campinas: Pontes.

MORAIS, Régis (org). **As Razões do Mito**. Campinas. SP. Papyrus. 1988.

PEREIRA, João Baptista. **Émile Durkheim e a etnografia: considerações sobre as formas elementares da vida religiosa: O sistema totêmico da Austrália**. In: BITUM, Ricardo, SOUZA, Rodrigo Franklin (orgs) **Estudos sobre Durkheim e a religião 100 anos de “as formas elementares da vida religiosa”**. São Paulo, Academia Cristã, 2014.

ROCHA, Everaldo. **O que é o mito**. Editora: Brasiliense, 2006.

ROOSWELT, Pe. **Rosário de Saudades**. S/D.

SUESS, G. P. **Catolicismo popular no Brasil**. São Paulo: Editora Loyola, 2001.

VIEIRA, M. D. P. C. (2001). **“Os penitentes do rosário da mãe de Deus: Conformismo ou resistência”**. Monografia, URCA - Universidade Regional do Cariri, Crato-CE.